

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EAD: limites e possibilidades de atuação no ensino regular

Teacher education in EAD: limits and possibilities of action in regular education

Ana Noredi Schuster¹

Resumo: Ao observar a atuação de professores com formação em EAD no ensino regular, e partindo do princípio da experiência desses profissionais nas questões que envolvem autonomia, gerenciamento de mídias, mediação e desenvolvimento de pesquisa, foram realizados questionamentos sobre os limites e as possibilidades de aplicar, com os educandos do ensino regular, métodos mais dinâmicos, que favoreçam a independência e o aprendizado. Quanto ao abandono da experiência adquirida na formação EAD, em sala de aula, os docentes entrevistados, não informaram com precisão a causa que limita o uso dessas práticas inovadoras e autônomas e o motivo que leva à adoção somente dos métodos tradicionais de ensino/aprendizagem. Foram elencadas as razões pelas quais são encontradas recusas e resistência, por parte desses profissionais, em utilizar a tecnologia como ferramenta de apoio na formação do saber, e como auxiliar na construção da autonomia.

Palavras-chave: Autonomia. Ensino a distância. Professor.

Abstract: When observing the performance of teachers with a background in EAD (distance education) in regular education, and based on the experience of these professionals in issues involving autonomy, media management, mediation and research development, were realized questions about the limits and possibilities to apply, with the students of the regular education, more dynamic methods, that favor the independence and the learning. Regarding the abandonment of the experience acquired in the EAD training in the classroom, the teachers interviewed did not accurately report the cause that limits the use of these innovative and autonomous practices and the reason that leads to the adoption of only traditional teaching / learning methods. Where listed the reasons for which refusals and resistance on the part of these professionals, to use technology as a support tool in the formation of knowledge, and as an support in the construction of autonomy.

Keywords: Autonomy. Distance learning. Teacher.

Introdução

A partir da reflexão proposta sobre a atuação do professor com formação na Educação a Distância (EAD), no Ensino Regular, o objetivo deste estudo é discutir questionamentos acerca da contribuição desse profissional, para atuar como mediador na construção do conhecimento. É sabido que esse educador é considerado um habilidoso conhecedor das práticas independentes de pesquisa e estudo autônomo, permeadas por sua experiência na formação como profissional no Ensino a Distância.

Com maior conhecimento e desempenho sobre autonomia, pesquisa independente e gerenciamento de mídias, esse novo educador tem formação suficiente para a promoção de práticas educacionais mais dinâmicas, respondendo a uma nova demanda na área educacional por mediação e independência na pesquisa, de acordo com as tecnologias atuais disponíveis.

Não há pretensão que o método utilizado seja exclusivo, nem que o professor tenha que manter uma única linha de atuação, ele pode e deve, além de utilizar modelos tradicionais, trabalhar práticas inovadoras com materiais didáticos já utilizados na escola regular.

¹ Tutora-externa do curso de História no polo IEPAR-PR. *E-mail:* ananschuster@hotmail.com.

A justa medida entre o qualitativo e o quantitativo é o ponto de equilíbrio necessário para o bom desempenho, tanto do aluno quanto do professor, já que toda a mudança deve acontecer aos poucos, para que o aluno consiga se inteirar de novas práticas que beneficiam ambas as partes envolvidas.

O objetivo principal deste estudo é fazer uma reflexão mais profunda sobre o tema, é fruto de observações e pesquisas junto aos profissionais e também investiga o professor com formação em EAD. Ao ingressar como educador no ensino regular, deve-se abandonar suas práticas inovadoras e autônomas e adotar uma postura tradicionalista.

Entender o que leva este profissional da educação a agir dessa forma passiva, diante de uma realidade nova que envolve tecnologia, leva a indagações sobre este comportamento que reflete certa comodidade ou talvez necessidade de aceitação e identificação com o grupo ou dificuldade em tratar com novos métodos e conceitos educacionais que estão sendo propostos aos alunos e professores, já que demanda tempo, empenho e materiais adequados.

Para que esse fenômeno contemporâneo educacional proporcione um tempo de mudanças, é necessário rever antigos paradigmas, entre eles os emergenciais, como a formação de professores, adequação do meio físico, mudança de mentalidades, de todos os atores desse processo educacional, atualização dos currículos escolares, formação continuada, e no caso do Ensino Médio, há a necessidade de ouvir a opinião dos educandos no que se refere ao ensino, aos métodos e às aspirações dos alunos.

Pesquisar os métodos pedagógicos utilizados por professores formados na EAD e a atuação destes profissionais na educação regular, resultou em leituras de autores especializados na área. A utilização da prática de pesquisa, que favorece o princípio da autonomia e do desenvolvimento pleno do educando, do Fundamental ao Ensino Médio.

A partir dessas observações, procurar respostas para questionamentos sobre a resistência encontrada por alguns profissionais, principalmente, aqueles que se formam na EAD, em desenvolver métodos mais dinâmicos que promovam a independência do pensamento da criança, desde os primeiros anos do Ensino Fundamental até os anos finais no Ensino Médio.

Práticas de professores que visam à formação integral do indivíduo somadas as já existentes, podem e devem propiciar o desenvolvimento da educação inovadora, no entanto, é necessário buscar respostas nas escolas públicas e privadas de ensino regular, em que tradicionais métodos educacionais ainda figuram veteranos e consolidados, impedindo atividades dinâmicas e práticas libertadoras e autônomas, como as que são utilizadas como métodos e ferramentas nos cursos EAD.

Análise crítico-cultural do papel da EAD como modalidade educacional

Esse novo paradigma educacional tecnológico, inevitavelmente substituirá o velho sistema educacional, e temos que estar dispostos e disponíveis para aprender a aprender e reaprender sempre. A Educação a Distância surge nesse cenário como uma educação libertadora, autônoma e facilitadora do acesso das massas ao sistema educacional. Uma visão futurista e moderna de educar sem estar necessariamente no mesmo ambiente, valendo-se da conectividade e abrangência da internet para aproximar, informar e alcançar um maior número de pessoas separadas fisicamente e impossibilitadas de se agruparem regularmente para frequentar um curso presencial.

A Educação a Distância e a tecnologia exigem uma postura reflexiva maior dos educadores, pois, além de estimular a pesquisa, obriga o professor a manter a postura de mediador, com a finalidade de organizar a quantidade de informação que a rede mundial de computadores oferece diariamente.

O problema do cidadão do novo milênio é, além de ter o acesso as informações globalizadas, como articulá-las e organizá-las de forma que o seu conhecimento possa conceber o todo e as partes. Para que isso aconteça, é necessária uma reforma paradigmática do pensamento, a fim de que haja essa organização da informação e do saber (MORIN, 2007, p. 35).

Se esse pensamento pode na prática obter resultados na formação de professores pela EAD, paulatinamente, também pode ajudar no desenvolvimento da autonomia dos alunos de cursos regulares, através da pesquisa, seja por meio de livros em bibliotecas ou pela utilização de ferramentas atuais, como a internet, fazendo uso das mídias disponíveis, como videoaulas, *chats*, fóruns e pesquisas em *sites* específicos, alinhados aos temas trabalhados em sala de aula. Esta prática inovadora, no entanto, só pode acontecer de forma satisfatória quando mediada por professores que auxiliam os educandos na produção de conhecimento.

De acordo com Ranghetti e Gesser (2009, p. 100), em conformidade com as atuais tendências educacionais, o que se pretende é formar alunos críticos, autônomos e protagonistas de seu tempo e de sua história, além de, a partir deste novo tempo, com novas tecnologias existentes, estarem instrumentalizados para múltiplas leituras, onde o ensino/pesquisa é a tônica dessa proposta.

Essa dinâmica coloca o professor como mediador entre o aluno e o conhecimento e surge nesse cenário como ponto de partida e de apoio para a reformulação de técnicas de aprendizado e também como convocador de reformas nos paradigmas curriculares existentes. O pensamento da mediação libera o professor da atitude de ser o personagem central do processo, que passa para o aluno na construção partilhada da prática em aulas que desenvolvam pesquisa e autonomia do aprendizado do alunato.

A importância do aluno e professor pesquisador está bem clara na obra do patrono da educação brasileira Paulo Freire, que demonstrou a preocupação em desenvolver o espírito livre e crítico por meio da pesquisa. Para Freire (2011), não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino, pesquisa-se para anunciar e comunicar a novidade. O papel desse novo professor nos indica uma atitude revolucionária e aberta à utilização das mídias disponíveis, para favorecer o enriquecimento do aprendizado.

Na prática, porém, o que se observa é uma retração e o abandono dessas práticas modernas por parte desses profissionais com formação EAD, ao atuarem nas escolas de ensino regular. A inquietante constatação leva a questionamentos sobre o motivo pelo qual o professor de formação EAD não utiliza seu conhecimento como pesquisador autônomo e gerenciador de seu tempo de estudo, na orientação de seus alunos, e nesse processo de autonomia, através da pesquisa e das práticas independentes de estudo, a fim de torná-los mais desenvolvedores e construtores de seu próprio conhecimento.

Se para Peters (2009, p.103), “o estudo autônomo desempenha papel importante na educação de adultos e nas educações complementares”, por que não há uma iniciativa desse desenvolvimento para o progresso e a independência já nos primeiros anos escolares?

Paulo Freire (2011, p. 94) fala em uma pedagogia da autonomia como construção autêntica da pessoa. Ora, se ao pensar na formação do cidadão de forma integral e se Freire insiste que, primeiro é preciso se mover como gente e depois como educadores e aprendizes, é necessário pensar também nessa perspectiva sobre os alunos que antes devem ter a sabedoria de mundo e de gente, para que se faça também de forma curiosa e paralela o conhecimento científico e libertador com o pensamento crítico e criativo.

Há uma necessidade urgente de desfazer o “nó górdio”, o entrave para essa educação autônoma e libertadora. Para que isso de fato ocorra, deve-se começar com mudanças

curriculares, práticas inovadoras de ensino, formação de professores capazes de acompanhar o desenvolvimento e o avanço tecnológico, ambiente físico adequado, escolas de tempo integral, capacitação para a utilização dos componentes de mídias para a utilização em sala de aula, que se mostra como uma tendência de futuro bastante forte e atrativa.

A EAD tem demonstrado ser a porta de acesso das classes trabalhadoras à educação, o retorno de pessoas, que até então, estavam à margem da educação formal, restabelecendo o vínculo das massas com o ensino superior.

Aprender e reaprender, o novo professor e o novo aluno

De acordo com Moran (1999), há uma desmotivação no ensino/aprendizagem, tanto por parte dos professores quanto dos alunos, pois a metodologia de ensino está, em grande parte, ultrapassada, tornando desinteressantes as aulas convencionais. O que fazer então? Para Moran (1999), o mais óbvio é adaptar-se às mudanças tecnológicas e fazer da sala de aula um laboratório de experiências, que levam o aluno a se interessar pelas informações necessárias para a construção de seu conhecimento.

O mundo virtual oferece excesso de informações e inúmeras fontes de acesso, exatamente aí que entra o novo professor, para orientar a pesquisa, organizar as informações, de forma que se tornem significativas para os jovens e as crianças, a fim de que essas informações entrem em sua realidade e vivência, favorecendo, assim, a compreensão do todo e não apenas das partes. Torna-se essencial que o professor mediador atue nessa construção do todo, para que não se recorra ao erro de uma educação fragmentada e compartimentada nessa nova proposta de ensino.

A responsabilidade do professor é ampliada, e ao contrário do que possa parecer, é exatamente nesse momento que o mestre se torna indispensável para que o educando possa incorporar o real significado da informação e transformá-la em produção e aquisição de conhecimento. Moran (1999) destaca que essa só se tornará de fato objeto de conhecimento quando agregar os significados, intelectual, de vivência de mundo e emocional. Para o autor, uma forma de trabalhar essas questões é sempre começar pelo incentivo e pelo apoio ao aluno, acreditando na capacidade dele e do professor de mudar e transformar para aprender a aprender e reaprender, fazendo com que o jovem educando se sinta seguro, valorizado e realizado como estudante e como ser humano e sujeito histórico, que a partir de então, é parte principal nesse processo e nessa grande aventura do conhecimento.

Se por um lado, novos modelos exigem novos métodos e novos educadores, necessitam também de um novo aluno. Afinal, como se fará essa construção? A mudança de mentalidades exige tempo, aceitação, propostas e conhecimento científico para o embasamento teórico que sustentará a prática do aprender a aprender.

Alunos, professores, dirigentes, políticas públicas e toda a comunidade escolar são indispensáveis para, a partir da discussão, buscar na prática o desenvolvimento de novas propostas de ensino, que se apresentam de forma emergencial em nosso sistema escolar.

O novo aluno exige um novo professor que traga métodos de desenvolvimento da autonomia e mediação para organizar a aprendizagem, valendo-se da tecnologia de nosso tempo, como aliada nas mudanças necessárias à educação.

Professor tradicional e tecnologia na educação: rivais ou aliados?

O professor tradicional no atual mundo em transformação, que ainda insiste em métodos antigos em sala de aula, como aulas expositivas, e não abre mão de sua posição de depositário

fiel do conhecimento, tem vivenciado momentos de embate, indisciplina, desinteresse por parte dos alunos, o que leva a um desgaste dessa relação, que outrora foi cercada de admiração.

A não aceitação de ambas as partes gera, atualmente, polêmicas e conflitos que estão em pauta nas discussões diárias, no ambiente escolar e nas políticas públicas para o enfrentamento do fracasso educacional, na evasão escolar e na desintegração do modelo tradicional de escola.

É urgente a necessidade de pensar na formação de professores capazes e dispostos a entender e interagir com a nova geração de educandos, que exige desse profissional uma dinâmica própria, para acompanhar as novas modalidades de comunicação temporais e rápidas. Baumann (2011) aponta as pessoas que protagonizam esse tempo como sendo aquelas que se movem com mais agilidade e rapidez e que mais se aproximam do momentâneo e do movimento, são tempos leves e que exigem na vida, no trabalho e no estudo conexões rápidas que quebram a ideia de tempo/espaço e valorizam o tempo precioso, no mundo da informação rápida.

Na EAD, esse espaço é o virtual, em que os educandos utilizam essa modalidade para interagir e construir o aprendizado, mediado pelo tutor, em menores espaços e com a flexibilidade de tempo, não estando mais à margem da educação formal.

Esses atores agora representam a parcela da população que resgatou o direito à educação, optando pelo modelo não presencial, faz parte do processo educacional, graças à modalidade EAD e ao desenvolvimento tecnológico, que possibilitou o encontro virtual de alunos e professores. Nesse processo há o desempenho intelectual valorizado pelo desenvolvimento da autonomia, que é exigida também no mercado de trabalho, atualmente, para a educação pública gratuita e de qualidade.

Pensando assim, a tecnologia é aliada do processo educacional, da inclusão e do desenvolvimento da cidadania através da educação regular e a distância.

Se para o tradicionalista, a tecnologia resulta em rivalidade na sala de aula, é de extrema urgência a necessidade de preparar o professor para a utilização do computador e da internet, para que se tornem ferramentas do aprendizado e desse público conectado e equipado com celulares, *tablets* e *notebooks*.

Muito se fala na formação dos alunos, mas primeiro é preciso formar professores que saibam utilizar as mídias em suas práticas diárias, que se tornem agentes do desenvolvimento e aliados dos alunos nessa construção, e não apenas transmissores cobradores e avaliadores do saber.

De acordo Moran (1999), com tantas informações disponíveis hoje na internet, o grande desafio do professor é auxiliar o aluno na interpretação e na contextualização de dados para relacioná-los com o aprendizado em sala de aula. Além disso, é importante pensar e ter a consciência que as mudanças não acontecerão com a mesma rapidez com que circula hoje a informação.

Esse novo educador, ainda segundo Moran (1999), precisa ser entusiasmado e aberto para motivar e dialogar, a autonomia depende de processos dialógicos, libertadores, participativos, incentivadores, orientados e mediados e que respeitem as diferenças. Os novos educadores precisam saber organizar a aprendizagem.

É certo que há a necessidade de uma reforma curricular, e da adequação do ambiente escolar público, com a tecnologia, para que todos tenham acesso a computadores, para que não se perpetue a prática da exclusão na escola, travando o progresso e o acesso de toda a tecnologia. Caso contrário, não acontecerá a integração do humano e do tecnológico, muito menos o individual e o coletivo. Ainda, segundo o autor, tanto nos cursos presenciais como nos cursos a distância, é necessário que se saiba lidar com a informação e o conhecimento, pela pesquisa e pelas novas formas de conexão. Assim, ensinar com novas mídias será uma revolução, que pode nos ajudar a mudar, ampliar e modificar formas atuais de ensinar e aprender.

De acordo com observações realizadas sobre as práticas dos professores formados em EAD no ensino regular, foram realizadas entrevistas com alguns destes profissionais em escolas públicas da região. Questionamentos sobre o uso de tecnologias e o favorecimento da pesquisa por meio destas foram o teor da pesquisa na forma de perguntas diretas aos profissionais da educação em questão.

Uma análise de professores formados em EAD, atuantes na escola pública

Segundo pesquisa realizada com professores que atuam no Ensino Fundamental e Ensino Médio da escola pública foram levantados alguns dados, referentes às dificuldades de utilização de métodos de pesquisa que favorecem a autonomia, por meio de questionários pautados em perguntas fechadas sobre o tema. A pesquisa fez uso de questionário comum em escola estadual do município de Fazenda Rio Grande, área metropolitana de Curitiba-PR. Os professores elencados responderam, individualmente e em diferentes momentos, as perguntas acerca do tema que segue.

As questões foram específicas sobre a utilização de mídias e equipamentos disponíveis nas escolas, como ferramentas de acesso às tecnologias de informação e comunicação, a utilização da biblioteca como centro do desenvolvimento de pesquisas, a atuação do professor formado em EAD como mediador dessas pesquisas, e de que forma trabalhos realizados pelos alunos e mediados pelo professor podem reforçar a construção da autonomia do aluno.

Estabelecido o objetivo e os atores do processo ensino-aprendizagem, foram realizadas entrevistas e observações acerca de suas práticas pedagógicas, especificamente na questão da necessidade de inovação do ensino, através de mediação e mediação, tanto do processo educacional quanto na prática diária dos profissionais em questão.

Os entrevistados estão nomeados como professor I, professor II e professor III. O professor I atua no período matutino, nas séries finais do Ensino Fundamental, o professor II no período matutino e vespertino, nas séries finais do Ensino Fundamental, e o professor III no período noturno, atendendo a demanda do Ensino Médio. Cabe ressaltar que tanto o professor I quanto o professor II também dedicam horas de trabalho na rede particular e o professor III divide seu tempo em outra escola pública, no mesmo município. Esses profissionais possuem formação em diferentes instituições de EAD, em outros municípios, no caso do professor III, em outro Estado.

Questionados sobre a satisfação obtida em suas formações, todos se mostraram satisfeitos, realizados e capazes de ministrar aulas em qualquer escola, seja ela pública ou privada, o que indica segurança e conhecimento da área escolhida. Não demonstraram nenhum preconceito quanto à modalidade a distância, nem ressentimentos quanto ao fato de terem escolhido esse caminho. O professor I ressaltou o fato de já ter uma graduação anterior no sistema presencial, o que reforçou sua escolha, que segundo ele, foi o fato de ter maturidade suficiente para realizar suas pesquisas e gerenciar melhor seu tempo, sem abrir mão das necessárias horas de trabalho diárias.

Após o reconhecimento de cada indivíduo e suas razões e opiniões referente ao EAD, foram questionados, na sequência, sobre suas práticas pedagógicas, que é o tema principal desse estudo. Foram questionados sobre suas atuações em sala de aula, se costumam desenvolver com seus alunos uma educação dinâmica, autônoma e inovadora, valorizando a pesquisa e utilizando as mídias disponíveis.

Ao responder a essas perguntas, esses profissionais elencaram uma série de dificuldades, que já são bastante conhecidas e discutidas no ensino regular, como a falta de incentivo por parte dos governantes, a dificuldade de organizar as turmas, a indisciplina e o desinteresse dos

alunos, a falta de políticas públicas que favoreçam o professor e a escola pública, o desgaste sofrido em sala de aula, a falta de equipamentos para a utilização das novas tecnologias.

Quanto à questão da utilização dessas novas tecnologias em sala de aula, os professores falaram do que pode tornar mais atraente a questão do aprendizado. O professor II, da área de ciências exatas, revelou que não costuma ministrar suas aulas com o equipamento disponível, no caso um projetor, por não saber como utilizá-lo. Ao ser questionado quanto à facilidade de usar um equipamento desse porte, disse não ter interesse em aprender e dá preferência ao quadro negro e giz, alegando ser mais fácil trabalhar com esse método, pois segundo o professor II, os alunos já estão acostumados com esse tipo de aula, e o fato de levar um equipamento para a sala tumultua o momento e causa ansiedade nos alunos.

Para o professor I, deveria haver mais disponibilidade de mídias, computadores e programas educacionais na escola pública, mesmo assim, esporadicamente, utiliza o laboratório de informática, embora não haja equipamento disponível para todos os alunos, necessitando assim de um revezamento, fato que causa desgaste e atritos entre os alunos, desmotivando o professor no sentido de realizar essas práticas inovadoras. Esse professor, da área de humanas, tem realizado algumas experiências com pesquisas, mas que se resumem, segundo ele, em cópias dos assuntos em *sites* da internet, o que não favorece nem acrescenta em nada o aprendizado. Cabe aqui ressaltar que até esse momento da pesquisa, não foi encontrado nenhum sinal de práticas modernas e mediadas, apenas tentativas de utilização de equipamentos e velhas práticas pedagógicas, sem a real intenção da mediação.

O professor III, que atua no Ensino Médio, revela que o fracasso escolar, em grande parte, se deve a falta de interesse dos alunos, pois quem tem desejo de aprender não necessita de grande estímulo, basta querer e aproveitar ao máximo o período que passa dentro da escola, ambiente próprio para o aprendizado, sem que haja necessidade de grande investimento em equipamentos de tecnologia, pois para o professor III, livro didático, quadro, giz e professor compõem o básico necessário ao aprendizado.

Questionado sobre sua experiência na EAD, como gerenciador de seu tempo e pesquisador autônomo, o professor III revelou que seria importante trabalhar a pesquisa com os alunos, mas desde que tivesse início já nos primeiros anos do Ensino Fundamental, pois ao chegar ao Ensino Médio, o aluno já não possui mais interesse em aprender com autonomia, deseja apenas cumprir aquela etapa para avançar em direção ao mercado de trabalho, salvo as exceções, que demonstram interesse em prosseguir os estudos, o que não lhe parece ser a maioria.

Para entender esse posicionamento de professores, que aprenderam pelo método a distância e tem conhecimento da necessidade de se adaptar às novas tecnologias e às práticas de vanguarda, foi realizada a seguinte pergunta: de quem é a culpa pelo fracasso escolar, do aluno, do professor ou de ambos? Tanto o professor II como o professor III atribuem a culpa, primeiro ao aluno, à família, ao governo e, por fim, ao professor. Explicam que as dificuldades encontradas são frutos de uma educação frouxa, sem parâmetros e da falta dos pais como orientadores dos filhos, que acabam por fazer da escola um depósito de crianças, o que nem de longe é o objetivo da instituição escolar.

Não citaram em nenhum momento as condições sociais da localidade onde está inserida a escola, nem atentaram para o fato de a criança e o jovem buscarem na escola, não apenas os saberes científicos, mas também solução para suas dificuldades humanas frente a uma realidade que nem sempre é igual e justa para todos. Quanto às falhas do docente, reconheceram que poderiam trabalhar mais a questão da pesquisa, mas que falta meio para que todos os alunos participem das atividades propostas, como acesso à internet, maior empenho e apoio por parte da família, atendimento no contraturno, entre outros.

O professor I fez uma reflexão em relação ao público da escola, levando em consideração as condições econômicas, sociais e psicológicas dos alunos, que geram dificuldades no aprendizado e em concordância com os professores II e III fez críticas quanto à educação realizada pelas famílias, que, atualmente, transfere muitas tarefas que devem ser familiares para a escola, muitas vezes, por desagregação familiar ou abandono, o que acaba por enfraquecer o relacionamento entre professores e alunos.

Na questão das práticas da EAD no ensino regular, o professor I, alegou que é muito difícil estabelecer regras para a pesquisa, pois não há uma prática de autonomia desde os primeiros anos, e somam-se a isso as dificuldades em realizar um trabalho contínuo na rede pública, onde ocorre uma alta rotatividade de professores contratados.

Os professores II e III acreditam que para formar sujeitos autônomos não depende somente do professor, mas da tríade família, escola e comunidade, políticas públicas e valorização dos profissionais. Além disso, não houve avanço na questão da utilização dos métodos da EAD no ensino regular por parte da maioria desses professores, salvo algumas modestas tentativas que acabaram frustradas devidas as condições físicas, ambientais e de falta de equipamentos.

Considerações finais

A partir das pesquisas e observações realizadas, observamos inúmeras dificuldades em tratar com o novo. O avanço da tecnologia e da ciência têm encontrado resistência dentro da escola tradicional. Longe de ser instrumento de substituição do professor, a tecnologia pode tornar-se aliada na formação integral de crianças e jovens.

O professor que integra o quadro docente, e que tem formação na EAD, salvo as exceções e respeitadas as devidas proporções, tornou-se refém de velhas práticas pedagógicas e repete os discursos ultrapassados, não encontra espaço para suas práticas inovadoras, e por fim tornam-se professores tradicionalistas que não praticam todo seu conhecimento adquirido em EAD, nas salas de aula.

A reforma da educação que almejamos e necessitamos, segundo Morin (2007), passa invariavelmente pela formação dos professores, que precisam sair dos seus limites e dialogar com os outros conhecimentos, além disso, professores precisam ter consciência de sua missão social. A educação não pode se resumir a informação e a avaliação dos saberes científicos, é necessária uma educação humanizada, inclusiva e que supere as dificuldades de relacionamento com os educandos, que não podem ser vistos como o produto de uma fábrica.

O professor desses novos tempos deve estar disponível a mudança, precisa dialogar e conhecer seus alunos e saber de suas expectativas, tornar-se um mediador e orientador, todas essas características são práticas conhecidas do professor formado na EAD.

Partindo da ideia de trabalho e ensino, a vida em grupo torna-se mais atrativa e eficaz. A colaboração e a cooperação são propostas dos novos tempos, chegamos a era do conhecimento e da informação rápida, precisamos agora entender e conhecer esses novos sujeitos do nosso tempo, tanto na escola, quanto na sociedade e na família.

Conhecer para entender e oferecer as condições necessárias para a formação do pensamento autônomo e crítico. É real e possível que se adquira no ensino regular hábitos que desenvolvam a prática da pesquisa com os parâmetros da EAD. Apostando nas práxis, o professor formado em EAD conseguirá os resultados esperados, tanto como professor do ensino regular como tutor.

Referências

BAUMANN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cybercultura**. São Paulo: 34 Editora, 1999.

MORAN, José Manuel. **O uso das novas tecnologias da informação e da comunicação na EAD: uma leitura crítica dos meios**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2017.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2007.

PETTERS. O. **A educação a distância em transição**. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

RANGHETTI, Diva Spezzia; GESSER, Verônica. **Gestão e tutoria EAD**. Indaial: Uniasselvi, 2009.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.